

BRASIL E FRANÇA DISPUTAM A PREFERENCIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, NO APÓS-GUERRA

INACIO SILONE, EX-COMUNISTA E HOJE DIRIGENTE SOCIALISTA ITALIANO, ACHA QUE O GOVERNO DE SEU PAÍS NÃO DEVE FACILITAR A SAIDA DE TECNICOS E OPERARIOS



Rubem Braga visitando um "pracinha" em sua "fox-hole", na encosta da Torre de Nerone.

ALMOÇO COM O CELEBRE ESCRITOR

O Socialismo Fixará os Italianos ao Solo Patrio — Trieste, os Iugoslavos e os Comunistas Italianos — A Libertação do Norte da Italia e o Proletariado da Zona Industrial — Embarços de Um Mau Poliglota Diante de Uma Couve Recheiada — O Aspecto Internacional dos Vizinhos do Mediterraneo

RUBEM BRAGA

(Correspondente de guerra do DIARIO CARIOCA)

ROMA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Março de 1945 — Via aerea — O homem que vem me receber no "hall" do hotel Plaza é um cavalheiro vestido com discrição, mas seguramente com elegancia. Deve andar perto dos 50 anos e não é nenhum prodigio de simpatia.

Já faz bem uns 10 anos que li "Fontamara" — uma pequena novela de sátira antifascista que certamente ficará sendo um livro classico. Apareceram duas edições brasileiras desse livro — e se o leitor não leu, fez muito mal. Apareceu ainda no Brasil uma tradução de "Pão e Vinho" e depois andou pelas nossas livrarias, um tanto discretamente, a "Escola dos Ditadores", em edição argentina. Qualquer desses livros é bom, mas "Fontamara" é seguramente uma pequena obra prima.

Sillone é um militante revolucionario e tem, naturalmente, uma vida atrapalhada. Foi membro do Partido Comunista até 1930. Depois ficou algum tempo fora de qualquer partido — e viveu na França, na Suíça e outros países, sempre aborrecendo, tanto quanto lhe era possível, o governo fascista de seu país. Ha alguns anos voltou ao Partido Socialista, a que pertencera na sua mocidade. Quando Mussolini levou a breca, Sillone regressou à Italia e agora é membro da direção do seu Partido, e às vezes escreve no "Avanti".

Vamos ao salão e esperamos a sua senhora. Afinal ela desce e passamos à sala de refeições — boa sala deste hotel cheio de officiais franceses e onde também residem alguns civis, inclusive o Mozart Gurgel Valente, da Embaixada do Brasil.

8.4.45

225

159

O ITALIANO TEM DE EMIGRAR

O escritor me faz algumas perguntas sobre o Brasil e diz saber que seu livro foi editado aí por um homem que ele conhece apenas por correspondência — Petrarcone. Dou-lhe as vagas notícias que tenho do Petrarcone, um italiano anti-fascista que a polícia brasileira a certa altura dos acontecimentos prendeu e andou mesmo querendo entregar á polícia de Mussolini. Com a perseguição que lhe foi movida pela nossa polícia, Petrarcone ficou praticamente arruado. A ultima vez que o vi foi há alguns anos, muito mal instalado numa casa velha perto da praça Marechal Deodoro, em S. Paulo, tentando penosamente recomeçar a vida. Um excelente homem, cheio de odio ao fascismo e amor aos classicos. A proposito falamos dos italianos no Brasil, e faço uma pergunta a Sillone. Quero saber se ele acha que a população italiana é mesmo excessivamente numerosa para o territorio que ocupa. Há uma tese segundo a qual em um regime de melhor distribuição da riqueza essa massa de população poderia viver bem dentro de suas fronteiras nacionais.

Sillone acha que não. Pensa que realmente há um excesso de população e mesmo em tempos normais a emigração será uma necessidade. Se a Italia se tornar um país socialista — acrescenta — esse problema não desaparecerá, pois o socialismo implica em maior utilização de maquinas e, portanto, menor necessidade de mão de obra.

EMIGRAÇÃO PARA A FRANÇA E O BRASIL

Diz-me que a França — embora ainda não oficialmente — se interessa para receber, logo depois da guerra, cerca de dois milhões de operarios italianos, para ajudar a reconstrução. Sillone acha que a Italia não poderá fornecer esses homens, pois isso afetaria a sua propria reconstrução.

(Entende-se que a França deseja esses trabalhadores italianos como emigrantes voluntarios). Acredita que muitos trabalhadores italianos gostarão de ir para a França, onde o nivel de vida do operario é mais elevado e certamente também muitos italianos terão desejos de emigrar para Brasil e outros países. Digo que o Brasil, alem de camponeses, provavelmente se interessará, depois da guerra, em receber operarios especializados e técnicos da bombardeada industria italiana.

Sillone acha isso possivel. Diz que muitas das industrias italianas — frutos da mania autarquica de Mussolini — desaparecerão depois da guerra. A boa politica do governo italiano será facilitar, através de acordo com varios países, entre os quais o Brasil, a migração de trabalhadores dessas industrias.

Mas (embora não deva proibir) o governo italiano não deverá facilitar a saída de tecnicos e trabalhadores especializados das industrias italianas que têm uma base economica real e poderão subsistir.

Dá exemplos na industria textil. A industria dos tecidos de algodão talvez desapareça ou se reduza a um minimo na Italia, pois utilizava materia prima importada. A industria, porem, de tecidos de seda animal, será sempre uma força da economia italiana. Ficaria naturalmente prejudicada se os seus habéis trabalhadores emigrassem devido a dificuldades temporarias do após-guerra.

PERSPECTIVA DA ECONOMIA ITALIANA

Outras industrias que ele acha poderão subsistir são as de construção naval e de automoveis. A Italia não tem materias primas, mas dispõe de desenhistas e mecanicos excelentes, com uma tecnica avançada e uma boa tradição. O país não pode nem deve regressir á situação de simples país agricola. Nesse terreno deve mesmo desistir do trigo, que

na Italia é uma cultura anti-economica. Sem industria pesada, mas com uma industria de transformação de alto padrão tecnico, a Italia poderá viver bem, em um mundo em que haja liberdade de comercio. Ficará, portanto, equidistante das potencias de industria pesada, (base de uma relativa independencia economica e condição de um imperalismo concreto) e dos países quase puramente agricolas, fornecedores de materia prima, tipo Bulgaria; um pouco mais aproximada (embora ainda distante) de um país de industria de alta especialização e trabalho grandemente valorizado, como a Suíça. Vinho, azeite, pequena lavoura, e varias industrias de transformação, alem do artesanato maravilhoso e do turismo.

Nossa conversa é interrompida duas ou tres vezes pelo garçon, que vem avisar que há gente ao telefone ou chegou uma visita.

COMUNISTAS E SOCIALISTAS

Embora os comunistas participem do atual governo Bonomi e os socialistas não, os dois partidos têm muito boas rela-

8. 4. 45

segue

ções e em muitos casos agem em comum. Há uma tendência à fusão, e interrogo Sillone a respeito. Ele acha que é possível essa fusão. Diz que as diferenças ideológicas entre os dois partidos são mínimas. Seus objetivos são praticamente os mesmos. Há diferenças acentuadas, entretanto, de métodos — ou, mais precisamente — de hábitos e costumes políticos. (Sillone é membro da direção do Partido Socialista, mas está falando em seu nome pessoal).

Aludo às ligações internacionais. Ele diz que os socialistas dos vários países da Europa estão ligados (houve uma conferência em Londres) mas por enquanto a organização internacional não tem um funcionamento efetivo.

Quanto aos comunistas, diz que a Internacional foi extinta, mas é visível a identidade de atitudes dos comunistas italianos com os russos. Sillone não vê nisso nada de extraordinário, e acha o fenómeno natural. Em toda a parte do mundo — acentua — a política interna dos países está ligada a correntes internacionais. Isso não acontece somente na esquerda, mas também nas direitas — e ele acha que se não houvesse monarquia na Inglaterra há muito tempo não haveria mais monarquia na Itália. Mas faço outra pergunta: se por acaso o interesse russo, ou um interesse momentâneo da política russa, chocar-se com o interesse nacional italiano — ele está seguro de que os comunistas italianos não serão docéis a Moscou?

Sillone acha que a minha

hipótese pode acontecer a qualquer momento. Por exemplo: se o marechal Tito ocupa Trieste. Pode-se dar que convenha à política exterior russa que Trieste não seja italiana. E nesse caso — esclarece — os comunistas italianos terão de resolver. Ele, Sillone, não pode fazer previsões, mas não sabe até que ponto estarão dispostos a defender, no caso, os interesses italianos, os comunistas — se para isso for preciso discutir com a Rússia. Quanto aos socialistas — esclarece — querem que Trieste seja da Itália, e farão tudo — menos a guerra — nesse sentido.

INTERRUPÇÕES

Pergunto se com a libertação do Norte, onde estão as grandes forças proletárias, ele não acredita que possa haver grandes transformações no Partido Comunista. Acha que não. Os comunistas do Norte, que são numerosos, provavelmente se integrarão do Partido sem alterar sensivelmente sua política. O Partido Comunista — explica — é fortemente centralizado.

Quero fazer uma pergunta sobre as influências russa, inglesa e americana depois da guerra, mas Sillone tem de ir lá fora atender a uma pessoa. O garçon me traz uma couve recheada, que é o prato forte do almoço, e como a rejeito com uma serena coragem, a senhora de Sillone diz "Poverino!" (não sei porque essa palavra me comove sempre, e me sinto realmente pobre quando o ouço) e encomendo ao garçon um omelette para mim. Ela fala um francês que me parece tão perfeito que pergunto se é francesa. Não, é irlandesa. Fico num silêncio embaraçado, não sei de repente que língua falar. Tenho vergonha de meu italiano e entretanto falo francês como um italiano depois de uma semana de Paris. (Estou ficando cada vez mais burro em matéria de línguas, perdi o castelhano, o francês, o inglês e ninguém entende meu português). E de súbito, sózinho, com essa delicada senhora loura na mesa, me ocorre que eu, que nunca fui uma flor dos salões, estou ainda pior e há séculos que não tenho de conversar com uma senhora. Ela aumenta meu embaraço dizendo que já pediu o omelette, mais insistindo em que eu comesse a couve. Dentro da couve, explica, há carne, e, francamente, está tão deliciosa que eu acho impossível que eu não goste. Não, minha senhora, eu não gosto de couve, nem de carne dentro de couve.

Como estamos bebendo o vinho tento falar sobre vinhos e elogio um que tomei ante-ontem em Florença — um Chinate leve, seco, forte. Mas este tipo de vinho italiano... Aponto o meu copo, mas ela esclarece que aquele vinho não é italiano, é da Algeria. Essa observação me embaraça ainda mais.

Sillone regressa e diz qualquer coisa à sua senhora. Só então re-

paro bem na senhora e vejo que é jovem e principalmente bela, com um jeito ao mesmo tempo delicado e firme. Como o casal me olha meio consternado (percebi que eles têm uma visita que os espera no salão) saio do meu embaraço fazendo notar subitamente que aquela era a primeira senhora irlandesa que eu via em minha vida, e se todas são assim a Irlanda é uma terra de mulheres bellissimas. Esse galanteio — de resto completamente sincero — parece surpreender um pouco a senhora, que com certeza não o esperava de mim.

Sillone diz que deve ter saído no México um livro seu, continuação de "Pão e Pinho", e o título em italiano é "Insieme sotto la neve" ("Juntos sob a neve", mas ele ainda não viu a edição).

O garçon volta com outro recado: alguém telefona. Estou sendo demasiado importuno, e me despeço, sem ter podido fazer ao homem a metade das perguntas que desejaria ter feito.

8.4.45

161